

Alguns apontamentos sobre a natureza humana e o conceito de pessoa na Antropologia Teológica de Edith Stein

Úrsula Anne Matthias¹

“Ao vencedor darei o maná escondido, dar-lhe-ei também uma pedra branca e, gravado sobre ela, um nome novo, que ninguém conhece, a não ser aquele que a recebe”².

“Em termos próximos às mentalidades contemporâneas, mais existenciais e, por assim dizer, mais atentas aos excessos do racionalismo, a definição clássica de pessoa, com sua história antropológico-teológica, pode deixar uma brecha para a inconveniência de conceber o indivíduo em função da espécie e não do que ele tem de singular”³.

1. Doutorado e Mestrado em Filosofia pela Universidade Pontifícia da Santa Cruz (Roma), graduação em Filosofia pela Universidade Pontifícia Salesiana (Roma) e graduação em Teologia no Centro Universitário Rainha do Sertão (Quixadá). Atualmente é professora na Universidade Federal do Ceará.
2. Ap 2,17; cf. Edith STEIN, *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*, 2006, p. 422s. (De agora em diante será citado como ESGA 11/12).
3. J. SAVIAN FILHO, *A antropologia filosófico-teológica de Edith Stein na história do conceito de pessoa (Ebook)*, 2016, p. 13, disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/assets/2016/5.pdf>>, acesso em: 14 de maio de 2017.

Resumo: Este artigo pretende investigar a antropologia teológica na obra de Edith Stein, a qual concilia a abordagem a partir da Doutrina da Fé sobre a natureza do homem e as suas diferentes condições com o conceito fenomenológico de pessoa, do seu núcleo e da sua individualidade, para culminar numa interpretação original da analogia trinitária no ser humano.

Palavras-chaves: Edith Stein; Antropologia Teológica; Individualidade; Analogia Trinitária.

Abstract: This paper intends to investigate the theological anthropology in the work of Edith Stein, who conciliates the approach that starts from the Doctrine of Faith about human nature and its different conditions with the phenomenological idea of the person, his nucleus and his individuality, culminating in an original interpretation of the trinitarian analogy in the human being.

Keywords: Edith Stein; Theological Anthropology; Individuality; Trinitarian Analogy.

Introdução

Edith Stein, filósofa, pedagoga, mártir e santa, não é muito conhecida como teóloga, mesmo porque não teve a oportunidade de adquirir uma formação acadêmica na ciência divina ou doutrina sagrada, mas, se considerarmos que fazer teologia significa conhecer a Deus por meio da fé, do amor, do estudo orante da Sagrada Escritura e da obediência à sua Palavra, então, sim, Stein pode ser considerada uma teóloga de primeira grandeza. De fato, depois da sua conversão à religião católica, ratificada pelo batismo em janeiro de 1922, a fenomenóloga, doutora e professora de Filosofia, dedicou as suas energias ao estudo da Sagrada Doutrina, para poder conhecer o Deus amado e transmitir as verdades conhecidas àqueles confiadas a ela: estudantes, amigos e leitores ainda desconhecidos.

Não é uma coincidência que Edith participa no ano trágico de 1933⁴, nos dias 2 a 5 de janeiro, de um Colóquio sobre Pedagogia Católica. Na conferência proferida, ela anuncia o que percebe como sua

4. No dia 30 de janeiro de 1933, Hitler é nomeado *Reichskanzler* (chanceler da Alemanha). Inicia-se o processo da abolição da democracia de Weimar e tem início a implantação da ditadura nazista.

vocação acadêmica naqueles tempos difíceis: enfrentar intelectualmente a ideologia nazista a partir da experiência de fé cristã⁵. Sem dúvida, neste combate intelectual e espiritual, o aprofundamento de uma antropologia filosófica e teológica coerente com a fé é de grande importância.

No Instituto Alemão de Pedagogia Científica (*Münster*), no qual a pensadora trabalha desde abril de 1932, ela desenvolve dois manuais para as disciplinas de Antropologia Filosófica e Antropologia Teológica, respectivamente, nos quais consegue mostrar o valor inegociável da pessoa humana fundamentada na visão antropológica católica.

A Antropologia Teológica, publicada pela editora alemã *Herder*, em 2005, com o título *O que é o homem? Antropologia Teológica (Was ist der Mensch? Theologische Anthropologie)*, representa a elaboração escrita das suas preleções sobre esse tema planejadas para o semestre de verão de 1933, as quais, porém, não aconteceram, por causa da proibição nazista para judeus atuarem na vida pública e no ensino. O objetivo de Edith Stein nessa obra é elaborar uma “Antropologia Dogmática”⁶, ou, em outras palavras, apresentar a imagem do homem que emerge a partir Doutrina da fé, realizando uma síntese original da antropologia fenomenológica encontrada em Husserl e Scheler, por um lado, e, pelo outro, dos elementos dogmáticos encontrados na Tradição da Igreja e no Magistério da época.

Além de combater a ideologia nazista e de defender o valor da pessoa humana diante das ameaças desta ideologia coletivista⁷, Edith, que sempre considerou a temática antropológica sua área de pesquisa preferida, elabora esta Antropologia em vista de oferecer uma fundamentação à pedagogia, convicta que qualquer trabalho educacional necessita de uma ideia-guia antropológica⁸. Edith Stein lecionou Antropologia Filosófica no semestre invernal 1932/33 e que foi publi-

5. Cf. Edith STEIN, *Bildung und Entfaltung der Individualität - Beiträge zum christlichen Erziehungsauftrag*, 2004, p. 140. (De agora em diante será citado como ESGA 16); Edith STEIN, *Was ist der Mensch? Theologische Anthropologie*, 2005, p. IX. (De agora em diante será citado como ESGA 15).

6. ESGA 15, p. 3.

7. Cf. Beate BECKMANN-ZÖLLER, “Einführung der Bearbeiter”, in ESGA 15, p. X.

8. Cf. ESGA 15, p. 3.

cada com o título *A constituição da pessoa humana (Der Aufbau der menschlichen Person)*.

Nesse trabalho, a filósofa-teóloga considera que uma das tarefas mais urgentes é esclarecer o valor da individualidade pessoal, “baseada no dogma e na Escritura”⁹.

Os dogmas são estudados principalmente com base na Edição de Denzinger/Bannwart (1928). Edith dirige-se às fontes e, por saber latim e grego, consegue adentrar aos sentidos e a argumentação que sustenta as definições dogmáticas. Desse modo, ela não apenas reproduz o que já foi dito, mas estabelece relações e conexões tendo como método de análise o fenomenológico. A pensadora enriquece a sua abordagem com as contribuições de Alberto Magno e Tomás de Aquino, Boaventura e Duns Escoto, e consegue dialogar a partir destes pensadores com a ciência secularizada contemporânea, responsável pela pedagogia e psicologia moderna¹⁰.

Enquanto ainda trabalha neste projeto, as portas do ensino universitário se fecham para Edith Stein. No dia 19 de abril de 1933, o reitor Bernhard Gerlach lhe pede de cancelar as aulas do semestre de verão (as quais seriam exatamente as de Antropologia Teológica), e que trabalhe no silêncio. Poucos dias depois, provavelmente por volta do dia 30 de abril, depois de muita oração, Edith Stein resolve abandonar o Instituto Alemão de Pedagogia Científica, considerando a impossibilidade de servir à Igreja na profissão de professora. A pensadora encara tal situação como uma libertação e um novo início dos planos providenciais do Senhor para a sua vida. No dia 14 de julho, a encontramos no Carmelo de Colônia, e no dia 15 de outubro, Edith Stein entra como postulante nesta comunidade consagrada.

Parece-nos especialmente interessante e significativo para os cristãos do mundo atual mostrar como uma grande filósofa contemporânea consegue mostrar, no meio de tantas confusões, dúvidas e tendências filosóficas e teológicas, que é possível harmonizar a mentalidade e o modo de pensar dos homens e das mulheres do nosso tempo com o que há de melhor e mais seguro na Tradição da Doutrina Católica. É indispensável conhecer e compreender o mundo em

9. Cf. *Ibidem*.

10. Cf. “Theoretische Begründung der Frauenbildung” (Edith STEIN, *Die Frau - Fragestellungen und Reflexionen*, 2015, p. 226).

que vivemos (cf. *Gaudium et Spes*, 5), as suas inquietudes e angústias, para mostrar algumas respostas à luz do Evangelho. As reflexões steinianas sobre a essência do homem na sua relação com o divino não perderam a sua atualidade no contexto pós-moderno, caracterizado pela agonia do amor, pelo cansaço da esperança em projetos e utopias comunitários e pela liquidez dos valores que leva não somente à ausência de referências, mas também à falta de identidades e convicções fortes, capazes de dar suportes para as fragilidades da existência humana.

Este artigo tem como objetivo apresentar de forma sucinta a antropologia teológica de Edith Stein e a imagem do ser humano que está implícita na Doutrina da Fé católica, segundo a percepção da fenomenóloga. A nossa pesquisa limita-se à obra *O que é o homem? Antropologia Teológica (Was ist der Mensch? Theologische Anthropologie)*, deixando para outra ocasião o confronto com os demais textos que tratam, de uma forma ou de outra, desta temática, como *Ser finito e eterno (Endliches und Ewiges Sein)*, *A Ciência da Cruz (Kreuzwissenschaften)* e *Liberdade e graça (Freiheit und Gnade)*, para citar apenas as obras de maior repercussão.

1. A antropologia segundo a Doutrina da Fé como fundamento para a Pedagogia

A imagem de homem que emerge na Antropologia Teológica de Edith Stein é fruto de estudos aprofundados nas áreas de filosofia fenomenológica e ciências humanas, especialmente história, literatura e psicologia, enriquecida com noções provenientes da fé cristã¹¹.

Edith nos presenteia com uma escolha única de questões teológicas relacionadas à antropologia, ordenados de forma bastante original e explicados minuciosamente com a ajuda da filosofia: própria substancialidade, criaturalidade do intelecto e da alma humana, criação imediata, preexistência e pós-existência humana, espiritualidade e racionalidade, união substancial e essencial com o corpo, caráter ético da alma e a vida depois da morte e a reunificação. Estamos diante de um belo exemplo contemporâneo da *fides quaerens intellectum*, pelo qual o leitor é levado a uma compreensão mais ampla e

11. Cf. ESGA 11/12, p. 20-36.

a uma penetração mais profunda dos dados da fé com a inteligência humana.

Nesta obra, a pensadora mostra-se autônoma e independente de modismos teológicos, pois não hesita de criticar teólogos contemporâneos como Karl Adam¹² e Matthias Joseph Scheeben¹³. Mostra também ser conhecedora de Tomás de Aquino, do qual acabou de traduzir as *Questões Disputadas sobre a Verdade* e o opúsculo *De ente et essentia*¹⁴.

As contribuições conceituais do santo dominicano, como o conceito de causa segunda, unidade e irrepetibilidade da forma substancial, são aproveitadas para esclarecer a presença real de Deus no dia-a-dia das pessoas, e a riqueza da dimensão humana que emerge do tomismo nas suas condições e possibilidades de aperfeiçoamento, são consideradas fundamentais por Stein para a elaboração daquilo que ela chama de “pedagogia católica”.

Além das duas fontes principais já citadas (Denzinger e Tomás de Aquino), Stein estuda e cita alguns teólogos modernos e contemporâneos: Krebs, Eichmann, Bossuet, Eisenhofer para os sacramentos, Martin Grabmann e Johannes Hessen para o tema da liberdade e do conhecimento em Agostinho.

Edith Stein considera que o fenômeno humano diante do mistério da fé pode mostrar-se a partir de três situações: na criação, no pecado e na redenção; e mostra, numa abordagem hoje inusitada e pouco conhecida, que a Revelação permite concluir que a natureza humana não corresponde a uma realidade estanque, mas que ela se encontra em diversas condições ou estágios. A dinâmica da Redenção mostra-se como aperfeiçoamento e que todos são chamados a crescer rumo à perfeição de Cristo, independentemente do ponto de partida.

1.1 A natureza do homem

No início do primeiro capítulo de *O que é o homem? Antropologia Teológica*, Stein põe pergunta “O que é o homem?”¹⁵, questiona-

12. Cf. ESGA 15, p. 28.

13. Cf. ESGA 15, p. 87.

14. Publicadas na tradução em alemão, em Breslau, no 1931/32.

15. ESGA 15, p. 5.

mento que ela pretende elaborar em um tríplice sentido: a. O sentido do homem singular e individual¹⁶; b. O sentido do homem em geral, enquanto portador de uma natureza comum a todos os seres humanos¹⁷ e c. O sentido da humanidade, da totalidade dos homens¹⁸.

Começando com a segunda questão, que visa entender a natureza humana atualizada em cada ser humano, Edith constata que o homem é, antes de tudo, uma criatura, pensada e amada por Deus¹⁹, uma unidade de corpo e alma, que são duas dimensões distintas entre si e também distintas da substância divina. A alma é espiritual e dotada de razão (*anima rationalis sive intellectiva*), além de ser a *forma* do corpo humano²⁰.

Na linha aristotélico-tomista, a *forma* é afirmada como o princípio eficaz do agir, aquilo que possibilita uma determinada atividade²¹. Enquanto para os entes materiais, o *sínolo*²² de *matéria* e *forma* é propriamente a substância que subsiste de forma real e concreta²³, as formas que são capazes de fundamentar uma existência e um agir de natureza espiritual não possuem o seu ser numa *matéria*, mas em si mesmas. As formas espirituais subsistem. São indivíduos incomunicáveis, o que significa que um não pode transformar-se em outro; estes indivíduos são caracterizados por um ser e um agir espiritual e são

16. *Ibidem*: “Was ist der *einzelne, individuelle Mensch*: dieser oder jener?”.

17. *Ibidem*: “Was ist *der Mensch überhaupt*? D.h. welches ist die *Natur des Menschen*, die allen Menschen gemeinsam ist?”

18. *Ibidem*: “Was ist die *Gesamtheit aller Menschen*, die *Menschheit*?”.

19. Edith Stein refere-se ao *Syllabus* do Papa Pio IX, de 1864, que é uma instrução sobre as doutrinas religiosas, filosóficas e políticas rejeitadas pelo Magistério.

20. Edith Stein baseia-se no Concílio de Viana (1311/12), no V Concílio Lateranense (1513) e em Leão XIII (1887), retomando, assim, a linha de argumentação aristotélico-tomista. Por causa disso, mantém proximidade com o movimento neotomista na filosofia e na teologia (Jacques Maritain, Etienne Gilson e Martin Grabmann) embora não tenha aderido formalmente ao movimento (cf. U. ZILLES, *Panorama das Filosofias do Séc. XX*, 2016, p. 253-262).

21. Cf. ESGA 15, p. 6: “Im allgemeinsten Sinn des scholastischen Formbegriffs kann Form als Prinzip eines Wirkens oder einer Tätigkeit bezeichnet werden, d.h. als das, was einem Wirken bestimmter Art zugrunde liegt”.

22. Terminologia aristotélica. *Sínolo* (gr.: *sínolon*) significa “o composto de matéria e forma, a substância concreta” (cf. Nicola ABBAGNANO, “*Sínolo*”, in _____, *Dicionário de Filosofia*, 2014, p. 1074).

23. Cf. ESGA 15, p. 7: “Das Ganze aus Form und Materie ist die Substanz, die subsistiert”.

chamados de *peessoas*²⁴. Comparado com as *formas puras* (os anjos) e os entes puramente materiais, o ser humano não é nem uma *pura forma espiritual* nem um simples corpo material, mas uma unidade substancial, unificada pela alma espiritual que é causa intrínseca, fundamento e princípio animador do corpo.

A ideia da alma como forma substancial do corpo leva Stein a uma distinção importante entre o corpo material e o corpo vivo, distinção antropológica fundamental para a qual o idioma alemão usa as duas palavras *Körper* e *Leib*: “O corpo vivo é um corpo material, mas um corpo material especial: um ser vivo e dotado de sensação, e o corpo humano enquanto corpo material, enquanto ser vivo e dotado de sentidos, é especificamente distinto de todos os demais corpos materiais, seres vivos e dotados de sensação”²⁵.

Stein segue a argumentação filosófica tomista para fundamentar a espiritualidade da alma: visto que ela possui atividades puramente espirituais, como o conhecer e o querer, também o seu ser como fundamento e causa do agir deve ser espiritual.

Mesmo assim, não é um espírito puro, mas é essencialmente forma do corpo e precisa do corpo para o seu pleno desenvolvimento e a sua plena eficácia no exercício das suas atividades. Desta forma, a alma chega à sua plenitude apenas no homem completo, quando é *anima* em um corpo.

1.2 A alma espiritual

Para a doutrina católica, corroborada na metafísica da pessoa de Tomás de Aquino, a alma espiritual é criada diretamente por Deus e dotada de inteligência e vontade desde o início da sua existência; vale ressaltar que essas características ligadas à espiritualidade e à racionalidade não são fruto de um desenvolvimento, que poderia estar vinculado ao amadurecimento neurológico ou social, pois sua união com o corpo não é acidental (através das suas operações), mas subs-

24. Na Doutrina da Fé, Edith Stein cita H. DENZINGER, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, 1914, n. 481; n. 38.

25. ESGA 15, p. 7-8: “Der Leib ist ein materieller Körper, aber ein Körper besonderer Art: ein lebendiges und empfindendes Wesen, und der menschliche Leib als Körper, als Lebe- und Sinnenwesen von allen anderen Körpern, Lebe- und Sinnenwesen spezifisch verschieden”;

tancial e pela sua essência²⁶.

O alcance da doutrina da “*anima forma corporis*” é amplo: significa por um lado que o corpo humano deve à alma tudo o que é enquanto organismo vivo, mas também enquanto corpo especificamente humano. Em outras palavras, não há nenhum momento na existência de um ser humano (mesmo nas primeiras fases da sua existência, nas quais se percebe aparentemente apenas a dimensão biológico-orgânica) no qual a alma espiritual não estivesse presente como princípio formativo deste indivíduo. Assim, a alma não é apenas o princípio do seu pensar e das atividades espirituais em geral, mas princípio de todo o seu ser e agir. Ela não está unida ao corpo de forma extrínseca e fortuita (*zufällig*), mas, ao contrário, a união com o corpo faz parte da sua própria essência, de forma que ela sequer seria alma se não houvesse esta união constitutiva com o elemento material que entra na unidade da pessoa.

1.3 A unidade do ser humano

Tendo mostrado a presença e a importância da alma espiritual, Edith Stein insiste no caráter unitário do ser humano: não há alma sem corpo, nem corpo sem alma. Assim, em todas as operações, mesmo na dimensão biológica ou segundo a perspectiva psicológica, há uma alma espiritual que permeia e caracteriza de forma humana todos os processos. É impossível que aconteçam ações realizadas apenas por uma das partes: apenas pelo corpo, ou que apenas na dimensão psicológica, ou que sejam apenas espirituais. O especificamente humano é que o espírito permeia o psicológico e o corpóreo. Lembramos apenas que este grande tema da unidade do ser humano é um assunto recorrente desde os primeiros escritos fenomenológicos, como *O problema da Empatia, Causalidade Psíquica, Indivíduo e Comunidade, Introdução à Filosofia, A Constituição da Pessoa humana, Liberdade e Graça*. Em todas essas obras, o dualismo de cunho cartesiano é definitivamente superado e desmascarado como incoerente e incompatível com a experiência humana.

26. Cf. ESGA 15, p. 10: “Sie [Die Seele] ist nicht bloss akzidentell mit dem Körper verbunden, nicht bloss durch ihr Wirken (ihre innere Wahrnehmung), sondern substantziell durch sich selbst und wesentlich”.

Com a ajuda de conceitos aristotélicos, a pensadora evita o dualismo presente em um certo platonismo que chegou a influenciar não a doutrina cristã e certas interpretações reducionistas desde a Idade Média até o século XX. A união da alma e do corpo não é apenas accidental, mas, ao contrário, alma e corpo formam uma unidade perfeita, na qual o corpo é formado e intrinsecamente sustentado nos seus processos e no seu agir pela alma: o corpo é corpo através e graças à alma.

1.4 O ser social do homem

Edith Stein, que em numerosas outras obras lança um olhar sobre a dimensão social do homem, destaca, com Leão XIII, a vocação natural e intrínseca de todos os seres humanos à vida comunitária. Esta visão afirma uma sociabilidade natural baseada no fato de que todos os seres humanos são criaturas e também filhos e filhas de Deus, e, por isso, irmãos e irmãs entre eles. O pensamento teológico-social de Stein cita uma série de encíclicas de Leão XIII e contrasta com teorias individualistas, socialistas e contratualistas sobre a sociedade e o Estado. Os homens são iguais em dignidade, mas diferentes em dons naturais, corporais e espirituais, e também quanto à posse dos bens materiais. Tal distribuição desigual dos dons e bens não contradiz a dignidade humana faz parte dos planos de Deus²⁷.

2. As diferentes condições (estados) da natureza humana

Uma contribuição muito interessante para a Antropologia Teológica é a afirmação de diferentes condições da humanidade. Edith Stein elenca sete diferentes estados (*Stände*) nos quais o ser humano pode existir (pelo menos hipoteticamente), seguindo o teólogo alemão Bernhard Bartmann²⁸. Apresentaremos brevemente esses “estados teológicos da natureza humana”, mas é importante lembrar que

27. Edith Stein relata o pensamento de Leão XIII a respeito. Não entraremos no mérito da atualidade desta visão no pensamento teológico atual.

28. Cf. B. BARTMANN, *Grundriss der Dogmatik*, 1928, p. 158ss.

nem todos devem ser considerados como historicamente existentes²⁹:

a. O *status naturae purae* - estado pensado como a plenitude natural da condição humana, na qual o ser humano estaria plenamente equipado para alcançar a sua meta natural, mas seria submetido às fragilidades típicas da sua constituição enquanto corpo e alma: a concupiscência da carne e a morte corporal. Este estado é hipotético e possui importância apenas para fins especulativos, pois nunca foi realizado historicamente.

b. O *status naturae integrae* - neste segundo estado, a humanidade estaria livre das fragilidades da concupiscência e da morte, graças a certos dons preternaturais, as quais aperfeiçoam o homem, mas ainda não o elevam acima da sua natureza. Esta condição da humanidade nunca foi realizada segundo S. Tomás de Aquino, mas no pensamento da escola franciscana, os primeiros homens teriam passado algum tempo neste estado, como preparação para a elevação ao terceiro estado.

c. O *status naturae elevatae* - neste estado, o homem já é considerado na perspectiva do seu objetivo sobrenatural, a vida eterna ou a participação na vida divina. Para tanto, ele é dotado da graça santificante, ou seja, já participa de certa forma da vida divina. Esta condição da natureza elevada acima de si mesma seria a mais provável condição da humanidade antes da queda ou do pecado original. Não sendo ainda o estado definitivo, é considerado *status viae*, um estado próprio da peregrinação terrena, condição em comum com os dois seguintes estados.

d. O *status naturae lapsae sed reparandae* - a condição da humanidade que caiu no pecado e que pode ser consertada, mas enquanto isso não aconteceu ainda. Este é o estado depois da queda e antes da redenção no qual se encontram todos os homens que ainda não foram alcançados pela graça de Cristo.

e. O *status naturae reparatae* - atribuído àqueles que já recuperaram a graça santificante e a participação na vida divina, porém, ainda não resgataram os dons preternaturais, de forma que a concupiscência e a mortalidade continuam presentes. Trata-se da condição dos cristãos peregrinos nesta terra que acolhem a graça de Deus e se

29. Para esta parte, cf. ESGA 15, p. 14-16.

esforçam a caminhar no seguimento de Cristo.

f. O *status naturae glorificatae* - objetivo final da humanidade, é caracterizado pela participação na vida divina, que inclui o pleno restabelecimento dos dons preternaturais. É a vida que os fiéis falecidos na graça de Deus gozam no céu.

g. Edith Stein acrescenta como possível condição humana o *status damnatorum* (não presente em Bartmann), a condição de uma humanidade definitivamente afastada de qualquer comunhão com Deus e sua graça por vontade própria.

2.1 A criação

Se existe um aspecto absolutamente indispensável, primeiro e essencial para descrever o ser humano a partir da perspectiva teológica, é o conceito de criação. O homem é criatura, pois “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou: Homem e mulher ele os criou” (Gn 1, 27).

A teologia da criação de Edith Stein possui como referência o primeiro livro do Antigo Testamento, interpretado a partir da resposta da Comissão Bíblica do 30 de junho de 1909, a qual mantém firme, diante da crítica bíblica liberal, que é necessário conservar alguns fatos relatados no livro do Gênesis, fundamentais para a religião cristã, por exemplo: a criação de todas as coisas no início do tempo, em especial do homem através de um ato divino próprio, a formação da primeira mulher a partir do primeiro homem; a unidade do gênero humano, entre outros, mesmo admitindo uma certa variedade na interpretação destes fatos. O sentido literal e histórico, diz o documento, não pode ser negado, mas sim enriquecido com uma interpretação alegórica e profética dos fatos narrados³⁰.

Stein oferece uma leitura filosófico-teológica do segundo relato da criação: “Então o Senhor Deus formou o ser humano com o pó do solo, soprou-lhe nas narinas o sopro da vida, e ele tornou-se um ser vivente” (Gn 2, 7). Neste sentido, afirma que o trecho sugere que

30. Cf. ESGA 15, p. 17. É necessário considerar que a teologia da criação evoluiu consideravelmente na segunda parte do século XX, basta citar a Encíclica *Humani Generis* (12 de agosto de 1950). Um confronto com a teologia do século XX, no entanto, excede os limites deste artigo.

o corpo foi criado a partir de elementos materiais já existentes na criação, enquanto que a alma teve início a partir de um ato criador próprio³¹. É através da criação da alma que a matéria se transforma em um corpo vivo e que surge o homem como ser vivo, em outras palavras, sem alma não há ser humano. Depois de ter criado o homem à sua imagem, como homem e mulher (Gn 1,27), Deus lhes ordenou: “Sede fecundos e multiplicai-vos” (Gn 1, 28). Também este versículo é riquíssimo de conteúdo e de possibilidades de interpretação, queremos ressaltar apenas que para Stein, tanto a imagem de Deus como a fecundidade não indicam uma condição estática conquistada uma vez para todas, mas antes uma tarefa e uma missão que o homem deve procurar realizar durante toda a sua vida, num processo de contínuo crescimento. Tal apelo e tal missão somente fazem sentido se o homem é capaz de compreendê-los e de obedecer às ordens de Deus. Por isso, ele deve ser dotado de conhecimento e de livre arbítrio, e é graças a estas duas características que ele é semelhante a Deus como nenhuma outra criatura, carregando em si mesmo todas as possibilidades de alcançar a sua altíssima vocação³².

2.2 A liberdade

Segundo Edith Stein, as definições dogmáticas não deixam dúvida a respeito do fato de o homem possuir o livre arbítrio; no entanto, o pecado impede o perfeito exercício da liberdade e somente a graça é capaz de restaurá-la e de capacitá-la para fazer o bem. Vale a pena lembrar que para Edith Stein, a liberdade não é apenas um dado antropológico derivado da fé, mas acessível à razão filosófico-fenomenológica. Em *todas* as suas obras, religiosamente agnóstica, por exemplo, em *O Problema da Empatia, Causalidade Psíquica, Indivíduo e Comunidade, Introdução à Filosofia*, a pensadora afirma uma radical liberdade constitutiva, vinculada à dimensão espiritual. Em *A constituição da pessoa humana*,³³ por exemplo, mostra que, enquanto

31. Cf. *Ibidem*: “[...] dass der Leib aus materiellen Stoffen gebildet wurde, die als solche zuvor schon bestanden, dass die Seele dagegen nicht aus einem bereits Vorhandenen entstand, sondern durch einen Urschöpfungsakt”.

32. Cf. *Ibidem*.

33. STEIN, Edith. *Der Aufbau der menschlichen Person. Vorlesung zur philosophischen*

a dimensão psíquica está sujeita à causalidade, no âmbito do espírito se constata a experiência da motivação. Certamente, a pessoa humana é um ser unitário sensível e espiritual ao mesmo tempo, e estas dimensões se entrelaçam, assim também causalidade e motivação estão sempre copresentes, interagem, às vezes colaboram, mas, na maioria das vezes, se contrapõem. É um fato conhecido pela experiência que nas áreas inferiores da vida psíquica, que são mais relacionadas com o corpo orgânico, prevalecem os mecanismos causais. Por isso, para viver a liberdade como motivação do eu, é necessário um esforço, uma luta, uma certa ascese a respeito do mundo material, do corpo e dos apegos àquilo que os sentidos podem oferecer. A liberdade do eu se manifesta, então, no âmbito humano-espiritual, como atividade intencional e motivada. Já neste plano puramente natural, Edith Stein considera que um ato livre da vontade é sempre possível, e que o propósito sempre pode conter força suficiente para superar qualquer obstáculo³⁴.

Lembramos que em Aristóteles encontra-se uma psicologia muito bem elaborada, mas não uma teoria do livre-arbítrio como causa livre das ações. A vontade como tal, sustenta Edith, teria sido descoberta posteriormente, pelos cristãos, em primeiro lugar por São Paulo. A Santo Agostinho devemos a precisão conceitual da doutrina sobre o livre-arbítrio, fato que fez do bispo de Hipona o precursor das teorias modernas da vontade. Diante da grande valorização da liberdade na modernidade é necessário destacar que a importância da liberdade para o cristão não é diminuída, mas de certa forma aumentada, visto que “mesmo considerando que tudo aquilo que o homem pode fazer de bem deve ser atribuído à graça divina, o bem se realiza por meio da livre colaboração com a graça, a qual pode ser acolhida ou rejeitada pelo livre arbítrio”³⁵.

Para o cristão, como se vê, o principal desafio e a maior realiza-

Anthropologie. Friburgo na Brisgóvia: Herder, 2010.

34. Cf. Edith STEIN, “Psychische Kausalität”, in _____, *Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*, 2010, p. 77: “Ebenso sind [...] freie Akte [...] willentlich erzeugbar. [...] Das Ich erscheint als ein erster Anfang, als Ursprungsstelle des Geschehens”.
35. ESGA 15, p. 43: “Wenn aber auch alles, was der Mensch Gutes tut, der göttlichen Gnade zuzuschreiben ist, so geschieht es doch durch freie Mitwirkung mit der Gnade, die vom freien Willen angenommen oder abgelehnt werden kann”.

ção da liberdade é a acolhida da graça de Deus e o cumprimento da Sua vontade. Se o livre-arbítrio é necessário para acolher a graça, ele está presente no pecador antes da redenção³⁶.

Consciente que para a abordagem da doutrina da liberdade a referência a Agostinho, principalmente às duas obras *De libero arbitrio* e *De gratia et libero arbitrio*, é insubstituível, Edith Stein inclui na sua obra um *excursus* sobre a doutrina da liberdade de Santo Agostinho³⁷, em forma de uma apresentação resumida das questões relacionadas ao livre-arbítrio. Entende liberdade como “autodeterminação da vontade”³⁸ e deixa claro que “não há nada que esteja de tão forma sob o poder da vontade que a própria vontade”³⁹. Fazer o mal significa dar as costas para os bens eternos e perseguir desordenadamente os bens temporais, pois o espírito humano é chamado a dominar sobre os desejos e pode fazer isso, visto que ele é mais poderoso que a parte concupiscível. Nenhum outro espírito pode obrigar uma alma a submeter-se aos desejos da carne, somente a sua decisão livre pode fazer isso.

Como se dá então a conexão entre liberdade, verdade e felicidade? A posse da verdade (Deus) torna o homem livre e feliz, pois nenhum homem pode roubar a verdade de outrem; ela pode ser possuída por mais de um ao mesmo tempo.

Mesmo sendo um bem muito grande, o livre-arbítrio, porém, não é o Sumo Bem. É um bem médio: mais nobre que os bens corporais, sem os quais é possível viver retamente. Grandes bens são as virtudes, pois não é possível fazer mau uso das mesmas. O livre-arbítrio é um bem médio, pois, por um lado, é necessário à vida reta e boa, mas, pelo outro lado, é possível fazer mau uso deste bem, por exemplo, quando se orienta a um bem próprio (querendo ser o seu próprio senhor ou para um bem estranho, por exemplo, quando quer saber algo que não lhe diz respeito ou ainda quando procura um bem inferior, como pode ser um prazer corporal, sem vínculo com a reta razão). Desta forma, a pessoa orgulhosa, curiosa ou lasciva vegeta

36. Cf. *Ibidem*: “Selbst in dem Sünder vor der Rechtfertigung ist das *liberum arbitrium* nicht erloschen”.

37. Cf. *Idem*, p. 44-61: “Exkurs über die Freiheitslehre des Hl. Augustin”.

38. *Idem*, p. 47: “Selbstbestimmung des Willens”.

39. *Idem*, p. 45: “Nichts liegt aber so im Bereich des Willens als der Wille selbst”.

numa existência que é “morte”, quando comparada à vida verdadeira, à vida superior de comunhão com Deus⁴⁰.

Comentando o segundo livro do *De libero arbitrio*, Edith Stein destaca que o ser humano é um bem, pois ele é capaz de agir retamente. A liberdade também é um bem, porque vem de Deus, mas a liberdade faz *sentido* quando se orienta para Deus e ou para Bem, que são nomes diferentes para a mesma realidade.

3. O conceito de pessoa em Edith Stein

O maior interesse filosófico de Edith Stein sempre foi a pessoa humana. Já na sua tese de Doutorado *O Problema da Empatia*, a pensadora deixa claro que a pessoa é caracterizada pela condição espiritual, dotada de liberdade e estruturalmente aberta aos outros. A evolução humana e intelectual da fenomenóloga a levou a considerar cada vez mais um elemento fundamental da personalidade, que é o caráter singular e irrepetível do ser humano: a individualidade.

Com a conversão ao catolicismo e o crescente interesse de compreender a fundo o ser humano também à luz da fé, recorre aos pensadores consagrados pela Tradição. Na interpretação de Savian⁴¹, “é em continuidade com a tradição filosófica cujas raízes remontam a Boécio de Roma (475-525), passando por Ricardo de São Vitor (1110-1173) e Tomás de Aquino (1225-1274) que Edith Stein emprega o conceito de pessoa”⁴².

As definições mais lembradas desta Tradição são as de Boécio e Tomás de Aquino. A primeira, que encontramos no cap. 4 do opúsculo *Contra Eutichen et Nestorium*, define a pessoa como *rationalis naturae individua substantia* (substância individual de natureza racional), a segunda, da Suma Teológica I, q. 29,3, considera que a pessoa é “o que há de mais nobre no universo, isto é, o subsistente de natureza racional”.

40 Cf. ESGA 15, p. 48.

41. SAVIAN FILHO, J. *A antropologia filosófico-teológica de Edith Stein na história do conceito de pessoa (Ebook)*, 2016. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/assets/2016/5.pdf>>. Acesso em: 14 de maio de 2017.

42. *Idem*, p. 1.

Na sua obra principal *Ser finito e eterno*, Edith Stein refere-se à definição de Boécio, mas introduz uma pequena mudança: ela troca “substância”, palavra que sugere algo fixo, pouco dinâmico e comum a todos, pela expressão *Einzelwesen von vernünftiger Natur*, que podemos traduzir tanto como “ser individual de natureza racional” ou “essência individual de natureza racional”, e que reforça muito mais a ideia de uma individualidade inconfundível no ser e no agir⁴³.

Com esta escolha, a pensadora vem ao encontro da mentalidade contemporânea para a qual é inadmissível pensar o ser humano apenas na perspectiva da espécie ou da natureza, daquilo que o condiciona. Desta forma, supera o risco das definições clássicas de pessoa, que podem deixar uma brecha para conceber o indivíduo em função apenas da espécie e não das suas características únicas e irrepetíveis. Ao invés disso, valoriza o ser humano individual, livre, construtor de si mesmo e destaca a importância da intersubjetividade para garantir a realidade e objetividade do mundo externo e também a possibilidade da autoconsciência.

3.1 O núcleo

As pessoas humanas, muito mais do que simples representantes da espécie, são seres individuais, únicos e irrepetíveis. Expressam aquilo que caracteriza a sua espécie de uma forma nunca vista antes, imprimindo à sua vida e aos seus atos uma marca individual. Edith Stein dá um nome especial à instância da qual brota toda esta vida individual de consciência e liberdade: o núcleo. “Trata-se do modo único e irrepetível pelo qual cada pessoa vive sua existência, efetivando tudo o que tem em comum com sua espécie, porém de maneira inteiramente singular”⁴⁴. Deste núcleo jorra a consciência e a liberdade (a permanência em si e a saída de si); assim, a pessoa humana efetiva aquilo que é próprio da sua espécie de forma individual e singular.

3.2 Analogia Trinitária

Embora uma antropologia trinitária não esteja ainda presente

43. Cf. *Idem*, p. 2.

44. *Idem*, p. 20.

na obra de antropologia teológica *Was ist der Mensch?*, em *Ser finito e eterno*, Edith Stein parte do modelo trinitário para iluminar a compreensão da pessoa humana, encontrando na Trindade o melhor modelo para explicar a pessoa humana.

A experiência mostra que a vida humana se desenvolve em três direções: formação do corpo, formação da alma, desdobramento na vida espiritual. Tudo isso é obra da alma que não perde a sua unidade, apesar das três operações distintas⁴⁵.

A analogia se dá entre Pai - Espírito Santo - Filho e espírito - psique - corpo humano, respectivamente. Assim como do Pai procedem todas as coisas, mas ele mesmo não procede de nada, assim a condição espiritual é imagem do Pai, pois ela é como uma fonte de vida que se manifesta no corpo e no psique; assim como o Verbo é gerado e determinado eternamente do Pai, assim o corpo humano é imagem do Verbo Eterno, pela sua geração e determinação a partir do Pai; assim como o Espírito circula livremente entre o Pai e o Filho, assim é a psique (alma) humana. A rigor, a imagem da Santíssima Trindade já está na alma, pela sua tríplice capacidade fazer brotar a vida, plasmar um corpo e sair de si na vida espiritual, pois o ser da alma é trinitário: "O seu [da alma] ser uno e trino imita a vida interior da divindade. A plasmação de uma matéria estranha, na formação do corpo, pode ser comparada à Encarnação do Verbo; a sua saída de si para um mundo exterior, no qual imprime a sua marca, ao envio do Espírito Santo para a Criação"⁴⁶.

Estamos diante de uma novidade com relação à analogia trinitária de S. Agostinho. Enquanto o bispo de Hipona restringe a imagem da Trindade ao âmbito espiritual (inteligência, memória e vontade), Edith Stein inclui o corpo e a psique (alma)⁴⁷ na analogia,

45. Cf. ESGA 11/12, p. 390: "Wenn wir an die Wurzel des menschlichen Seins zurückgehen, so finden wir die dreifache Entfaltungsrichtung: Gestaltung des Leibes, Gestaltung der Seele, Entfaltung im geistigen Leben. All das leistet die Formkraft der Seele und ist doch *eine* in ihrer dreifachen Formwirkung".

46. *Idem*, p. 390: "Ihr [der Seele] dreifaltiges Sein bildet so das innere Leben der Gottheit nach. Die Hineingestaltung in einen ihr fremden Stoff bei der Bildung des Leibes kann dann der Menschwerdung des Wortes verglichen werden, ihr Ausgehen aus sich selbst in eine äussere Welt, der sie ihr Gepräge gibt, der Sendung des Geistes in die Schöpfung".

47. Cf. J. SAVIAN FILHO, *A antropologia filosófico-teológica de Edith Stein na história do conceito de pessoa (Ebook)*, 2016, p. 26, disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/>

reforçando a inabitação de espírito, psique e corpo, aplicando, assim, a *pericorese*⁴⁸ trinitária à pessoa humana. Desta forma, projeta na criatura as características de unidade e trindade da divindade.

A santa carmelita propõe aos seus leitores o esforço de concentrar-se no mistério trinitário para, num movimento descendente, encontrar seus reflexos na experiência humana da personalidade e aprofundar sua compreensão. Ao mesmo tempo, esse esforço, possuindo caráter metafísico-teológico, não deixa ser formulado em um registro fenomenológico, pois, para quem adere à fé bíblica, o “conteúdo” ou a “unidade de sentido” do dogma trinitário é algo que se apresenta à consciência e pode ser, em certa medida, por ela descrito. Edith Stein sabia que o procedimento analógico ascendente já havia sido praticado por outros pensadores; sabia também que praticamente nenhum deles conseguiu fazer o caminho inverso, tomando o mistério trinitário como modelo de compreensão do mistério humano. Esse, porém, foi o seu trabalho em *Ser finito e eterno*, ao realizar um movimento de ascensão ao sentido do Ser eterno, para descer novamente do Ser eterno ao ser finito e iluminá-lo. Só ao cabo dessa circularidade virtuosa é que parece revelar-se todo o alcance do conceito steiniano de pessoa.

Conclusão

Na antropologia teológica de Edith Stein, o aspecto filosófico complementa e ilumina a perspectiva teológica, e vice-versa. Estamos diante de uma síntese original e atual que fazer jus à sensibilidade contemporânea, por estar especialmente atenta à dimensão existencial da individualidade, sem esquecer os fundamentos metafísicos e doutrinários de uma tradição que vai de Aristóteles e Tomás de Aquino até os pronunciamentos do Magistério contemporâneos em seu tempo.

Assim, o conceito de pessoa já elaborado na fase agnóstica é

edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/assets/2016/5.pdf>, acesso em: 14 de maio de 2017.

48. *Pericorese* é um termo teológico utilizado na Patrística e retomado por vários teólogos do século XX que descreve as relações trinitárias como interpenetração ou coabitação, na qual cada pessoa, mantendo a sua distinção, penetra nas outras e é penetrada por elas.

enriquecido com uma leitura inteligente da Doutrina da Fé, sem rupturas ou contradições. Ao contrário, as características da pessoa, como a espiritualidade, a liberdade, o autoconhecimento, a unidade de um ser pluridimensional, são potencializadas pela presença da fé e da graça, culminando na compreensão do homem como imagem da Santíssima Trindade não somente no seu espírito, mas na sua completude de corpo, psique e espírito, sob a primazia deste último. A real possibilidade de abertura à graça não é uma ideia alienante, mas um constitutivo da pessoa que permite a sua plena realização, até mesmo no plano humano.

Edith Stein consegue fazer frutificar esta síntese antropológica para a pedagogia contemporânea com uma clareza surpreendente, pois não é possível educar ou formar uma pessoa sem saber onde se quer chegar e qual é a meta da dinâmica do desenvolvimento humano que precisa de orientação e motivação em vista de um exercício da liberdade coerente no plano natural e sobrenatural.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. "Sínolo". In _____. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 1074.
- BARTMANN, B. *Grundriss der Dogmatik*. Friburgo na Brisgóvia: Herder, 1928.
- BIBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. Brasília: Ed. CNBB; Cachoeira Paulista: Canção Nova, 2009.
- DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Edição de P. Hünerman. Trad. J. Marino Luz e J. Konings. 40^a ed. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.
- SAVIAN FILHO, J. *A antropologia filosófico-teológica de Edith Stein na história do conceito de pessoa (Ebook)*, 2016. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/assets/2016/5.pdf>>. Acesso em: 14 de maio de 2017.
- STEIN, Edith. *Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*. Friburgo na Brisgóvia: Herder, 2010. (Edith Stein Gesamtausgabe 6).
- _____. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn*

des Seins. Friburgo na Brisgóvia: Herder, 2006. (Edith Stein Gesamtausgabe 11/12).

_____. *Die Frau - Fragestellungen und Reflexionen*. Friburgo na Brisgóvia: Herder, 2015. (Edith Stein Gesamtausgabe 13).

_____. *Der Aufbau der menschlichen Person*. Friburgo na Brisgóvia: Herder, 2004. (Edith Stein Gesamtausgabe 14).

_____. *Was ist der Mensch? Theologische Anthropologie*. Friburgo na Brisgóvia: Herder, 2005. (Edith Stein Gesamtausgabe 15).

_____. *Bildung und Entfaltung der Individualität - Beiträge zum christlichen Erziehungsauftrag*. Friburgo na Brisgóvia: Herder, 2004. (Edith Stein Gesamtausgabe 16).

ZILLES, Urbano. *Panorama das Filosofias do Século XX*. São Paulo: Paulus, 2016.